

## A Criação Bíblica em seu Contexto do Antigo Oriente Médio

Por Joseph Lam

Talvez, por causa da influência da bíblia na cultura ocidental, as pessoas pensam que Israel era uma nação importante durante sua história. Mesmo que a relevância da bíblia e do cristianismo tenham diminuído no mundo, a percepção da bíblia como um texto central continuou, o que faz com que seja fácil esquecermos que a bíblia, historicamente, não surgiu do contexto cultural de superioridade. Entretanto, o que Israel não tinha em influência política, mais do que compensava em sua identidade como nação diante de Deus, uma visão incorporada no que chamamos de Bíblia judaica, ou Velho Testamento. Como estudiosos observaram: “o talento de Israel em sua religião, ética, literatura e historiografia, eventualmente deu a ele uma importância desproporcional a sua pequena população a território”.

Aqui está a genialidade dos escritores. Apesar de sua posição relativamente marginal no mundo antigo, os escritores da Bíblia Hebraica conseguiram articular uma concepção religiosa – uma visão da história e realidade – que realmente conseguiu permanecer, transcendendo sua origem na tradição literária de um povo do Oriente Médio e subsequentemente, tendo seu lugar entre os fatores primários que moldaram a civilização ocidental.

A história da Criação em Gênesis 1:1-2:3 serve como um caso interessante dessa dinâmica atuando. Desde o século XIX, sabe-se que o relato do início de Gênesis não representa o único relato das origens do Cosmos do povo do Oriente Médio. Porque foi por volta dessa época que, através de escavações arqueológicas mais completas da região, arqueólogos começaram a descobrir outros “relatos da criação”, vindo da Mesopotâmia e Egito – histórias e/ou descrições que não apenas tinham semelhanças notáveis com o texto bíblico, mas que também eram mais antigos que a bíblia (ao menos em alguns casos).

Para muitos cristãos, *desde* então e hoje em dia, isso foi visto como um problema, porque a autoridade da bíblia pensavam na época - e ainda pensam hoje - viria de seu status de “única” revelação de Deus, nos dando informação inacessível por outros meios. Se a criação em Gênesis 1 está entre muitos relatos antigos semelhantes, como podemos dizer que ela é a verdade em relação aos outros?

Entretanto, quando reconhecemos que Gênesis 1 (assim como o resto da Bíblia) veio de um contexto cultural caracterizado por ideologias e cosmo visões diferentes, a presença de outros relatos de criação não é um obstáculo intelectual, mas na verdade pode nos dar novas perspectivas de interpretação. Porque a luz desses outros textos, parece que temos em Gênesis 1 não apenas um outro relato independente da Criação, mas uma história recontada, de um modo característico do Oriente Médio, porém, de um ponto

de vista distinto e de uma perspectiva caracteristicamente israelita. Enquanto Gêneses 1 tem em comum com outros relatos a simbologia para falar das origens, o relato bíblico representa uma realidade completamente diferente por meio desses mesmos símbolos, mostrando ao mesmo tempo uma consciência dos outros relatos, mas enfatizando e confrontando as verdade com os outros relatos. Em resumo, Gêneses 1 foi a resposta israelita às cosmo visões de seu tempo.

O que quero fazer neste artigo é olhar brevemente para Gêneses 1 com essa perspectiva em mente, salientando três pontos da cosmo visão hebraica que emergem da história em vista de seu contexto cultural, do Oriente Médio. Proponho que, ao olhar para Gêneses 1 dessa maneira podemos nos aproximar das verdade que o texto propõe, enraizadas em uma concepção teológica (e não científica) do mundo. No contexto dessa breve apresentação, só poderei começar a fazer um esboço em termos amplos, mas apresente essas observações tendo a esperança de que elas incentivarão maiores reflexões teológicas nesse texto poderoso e cativante.

## Deus é o Criador Supremo

O primeiro ponto que podemos observar na cosmo visão de Gêneses 1 é o Criador Supremo, a única força por trás da Criação. Em contraste com outros relatos da Criação do Oriente Médio, particularmente os babilônicos, em que o mundo é concebido como tendo vindo à existência através de um confronto entre forças cósmicas, a noção do conflito está quase completamente ausente na descrição bíblica. Que também não fala de um mundo que gerou a si mesmo, como descrito nos Textos da Pirâmide, do Egito, que falam de uma figura de criação onde uma fonte de água brota espontaneamente do vazio.

Na visão bíblica, por trás da Criação, há um Criador – pessoal e no controle desde o início até o final. Em particular, Gêneses 1 fala que a criação foi feita unicamente através do poder da palavra falada por Deus: “*E Deus disse, que haja luz, e houve luz*” (Gêneses 1:3). Ou seja, a Criação foi feita por sua iniciativa, por sua decisão apenas. Ele não precisou consultar outras autoridades, outras forças com as quais teve que lutar. Se há alguma indicação de que houve conflitos, essas forças opositoras foram completamente subjugadas e até essas indicações podem ser vistas como tentativas deliberadas de relativizar esses outros poderes mitológicos.

Por exemplo, em Gêneses 1:2, lemos que “*o Espírito de Deus pairava sobre a face do abismo*”. As águas no pensamento do Antigo Oriente Médio, representam um poder hostil; eles são símbolos proeminentes de caos, uma força que precisa ser contida para preservar a vida. Aqui, em Gênesis, as águas existem, mas estão domadas. O Espírito de Deus paira sobre elas, com uma autoridade implícita sobre elas, pronto para iniciar a Criação.

De forma semelhante, em Gêneses 1:21, lemos “*Deus criou as grandes criaturas marinhas*” (Hebreu: *tannînîm*). Isso é uma referência a um monstro marinho ou a um dragão marinho, encontrado em outras tradições mitológicas, como a Ugarítica e o ponto é que no relato bíblico, ela é apenas mais uma criatura dentre todas as outras e não um inimigo que precisa ser derrotado. O Deus Criador bíblico não está lutando pela supremacia; ele simplesmente é o soberano e completa a criação por sua palavra.

## A Criação é intrinsecamente boa

O segundo ponto que segue logicamente ao primeiro, é este: a Criação, na visão bíblica, é intrinsecamente boa. É boa porque Deus a criou boa. Em Gêneses 1:4, lemos: “*E Deus viu que a luz era boa. E Deus separou a luz das trevas*”. Esta frase Deus viu que era boa claramente é um refrão durante Gêneses 1, culminando com a declaração “*era muito boa*”, em Gêneses 1:31. O conceito de “bom”, apesar de parecer óbvio para nós, não pode ser tido como “óbvio”, especialmente no contexto dos relatos dos vizinhos de Israel. Em particular, visões vindas da Mesopotâmia mostram uma clara ausência de estabilidade que uma criação boa trás. No relato babilônico Enuma Elish, um dos relatos maiores que temos, o mundo se originou dessa forma: primeiro houve uma mistura de águas primitivas: salgadas e doces (chamadas de Apsu e Tiamat) que produziu os deuses, e então veio uma segunda geração de

deuses. O barulho desses deuses incomodou Tiamat e Apsu, que planejaram destruir esses deuses, mas o deus da sabedoria, Ea, impediu, fazendo com que Tiamat quisesse ainda mais destruí-los. Os outros deuses, entretanto, se voltaram para Marduk, que subsequentemente derrotou Tiamat, o monstro marinho e com seu corpo criou o céu e a terra. Então, enquanto certamente um processo de melhora e de ordem aparecendo, a ideia de uma criação boa e estável, no senso bíblico, não existe.

O teólogo Nahum Sarna resume dessa forma:

“A natureza dos deuses mesopotâmicos não poderiam dar um sentimento de certeza e segurança no cosmos... . O homem sempre se encontrava sendo confrontado pelas forças tremendas da natureza e a natureza, especialmente na mesopotâmia, era cruel, indiscriminada, e imprevisível. Já que os deuses eram feitos por ela, também tinham essas características cruéis. Para piorar ainda mais, sempre havia aquele poder inescrutável, por trás dos deuses, que significavam que os deuses eram tanto deuses quanto criaturas. O mal, então, era uma necessidade permanente e não havia nada de essencialmente bom no universo pagão”.

Em contraste, temos um Deus em Gêneses que diz que a criação é boa. Ele é por um lado um Deus que não é indiferente a julgamento de valores, mas um Deus que discrimina, faz distinções e separações. Ele traz a luz à existência, vê que é boa e a separa das trevas. Trevas, como as águas, na bíblia, simboliza o que é hostil a Deus, o que se opõe à vida humana. Então o ato de separação é um produto natural de um Deus moral. Então, Gêneses revela a nós um Deus que não é indiferente aos julgamentos relativos à bondade. Por outro lado, a criação que Deus traz à existência por sua palavra é boa, na verdade, “*muito boa*”. Sua criação não é aleatória e intrinsecamente hostil; ela tem um propósito, parte de um plano divino – tomando um termo emprestado do discurso científico, ela é “ajustada”, “propensa” à vida. Para os vizinhos de Israel, essa visão não existia de maneira nenhuma. Entretanto, a ideia de uma criação boa está no coração do entendimento bíblico.

## Os céus e a terra são o templo de Deus, e os seres humanos, Sua imagem.

O terceiro ponto em si consiste em duas partes. A primeira parte é que a terra em Gêneses 1 é colocada como sendo o templo de Deus. A segunda parte está relacionada ao propósito dos seres humanos nesse templo, de servir como imagem de Deus no mundo. Essas duas observações requerem alguma elaboração. A conexão entre criação e templo é encontrada no pensamento do Oriente Médio. Por uma razão, os templos no Oriente Médio eram entendidos como um tipo de microcosmo, e então eram construídos e decorados dessa maneira. Pense, por exemplo, na decoração do Templo de Salomão – as palmeiras, as flores, as romãs, o mar de bronze e assim por diante. O templo de Salomão era como os templos de outros povos no sentido de retratar o reino do deus ao qual serve.

Além do mais, nos relatos dos outros povos, vemos a construção de uma casa ou um templo, como o ato culminante da Criação. Então, em *Enuma Elish*, do qual já falamos, depois que Marduk derrota o monstro Tiamat, ele cria os servos humanos e subsequentemente constrói um templo – O templo Esaglia, na Babilônia. Isso é na verdade parte de um costume mais amplo, de que depois que um rei derrota seus inimigos, o processo de assegurar o domínio envolve a construção de um palácio (e “templo” é realmente o “palácio de um deus”, ou “casa”, porque derivam da mesma raiz em muitas linguagem do Oriente Médio – a “casa” do rei é o modelo para conceitualizar a “casa de deus”).

Voltando a Gêneses 1, entretanto, vemos de novo a reconfiguração da ideia do templo em relação a Criação. Em Gêneses 1, a criação não é o prelúdio para a construção do templo. Ao invés disso, a criação em si é, inteiramente, o Templo de Deus; os céus e a terra são o domínio do reinado soberano de Deus. Na verdade, esse conceito é particularmente claro em um outro verso famoso no livro de Isaías (66:1): “*O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés; que casa me edificaríeis vós? E qual seria o lugar do meu descanso?*”. Então, em Gêneses 1 vemos a criação inteira como o Templo de Deus, o lugar do seu reinado. A ideia é reforçada no final da história, no sétimo dia, em que Deus “descansa” – de novo, um ponto que faz sentido quando vemos a Criação como o lugar de onde seu domínio emana.

O que dizer, então, da segunda parte, o lugar dos seres humanos na Criação? O sexto dia em particular fala diretamente do papel da humanidade na Criação. Gêneses 1:26 e 27 diz: “*E disse Deus: Façamos o homem [ou seja, humanidade no hebraico] à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*”.

“*A imagem de Deus*” – esse é outro lugar onde o contexto do Oriente Médio é essencial para o entendimento do texto. A palavra em hebraico pra imagem é *selem*, que é uma das palavras usadas na bíblia para se referir à imagem física de ídolos e deuses – aqueles ídolos feitos de ouro, prata e outros tipos de metal ou madeira, usados no contexto de adoração. No mundo do Oriente Médio, todo lugar tinha sua manifestação única de uma deidade e, por sua vez, ídolos representando essas deidades eram comuns. Arqueólogos modernos escavaram vários deles. Além do mais, uma das características centrais da religião do Oriente Médio em geral era algo chamado o “cuidado e alimentação dos deuses”. Ou seja, a ideia de adoração era que você queria servir o deus, cuidar dele. Temos amplas evidências disso no Egito, por exemplo, como parte de um ritual diário em alguns templos, eles colocariam roupas no deus, o alimentariam, lavariam e banhariam, o ungiriam e maquiariam. Rituais muito elaborados que se repetiam estavam envolvidos no cuidado dessa imagem física, o ídolo, porque eles acreditavam que era uma manifestação verdadeira do deus em meio ao povo.

Em contraste com seus vizinhos, Israel era terminantemente proibido de usar imagens na adoração. Por um motivo, porque a ideia de um único Deus dos israelitas fez com que fosse impensável usar um ídolo de outro deus. Mas mesmo em relação a Yahweh, o Deus de Israel, imagens eram proibidas. O segundo mandamento era de não fazer imagens (Êxodo 20:4). A ideia era que a essência do Deus verdadeiro não podia ser reduzida a uma imagem feita por mãos humanas. É notável, então, que tanto o Tabernáculo de Israel no deserto quanto o Templo de Salomão, não houvesse ídolo. Não havia imagens de Deus. Só havia a Arca da Aliança, no Santo dos Santos – aquela caixa, com criaturas aladas chamadas querubins, em cada lado. Baseado em comparações com iconografias do Oriente Médio, a arca era provavelmente uma representação do escabelo de Deus, a ideia sendo representar a presença de Deus estaria sobre a Arca, como se Deus estivesse sentado em um trono invisível, com seus pés tocando o escabelo. Mas de acordo com o entendimento de Israel sobre os ídolos, não havia uma imagem de Deus em si no tabernáculo ou no templo.

Quando voltamos a Gêneses 1, então, o motivo deve estar claro, certo? No contexto dos céus e da terra sendo o templo de Deus, os humanos seriam a imagem de Deus. O tabernáculo de Israel e o Templo de Salomão não tinham imagens de Deus, mas sempre que uma pessoa entrava, havia uma imagem de Deus. Em outras palavras, os seres humanos não são apenas feitos à imagem de Deus, mas era feitos como imagem de Deus. Na verdade, é possível argumentar gramaticalmente que a tradução correta é “como imagem de Deus”, em relação a “à imagem de Deus”. Preposições são notoriamente difíceis de traduzir corretamente de uma linguagem para outra e a preposição hebraica aqui (a preposição *ser*) tem várias tradições, mas inclui o sentido de “como, ou com a função de”.

Falando de outra maneira, a fraseologia hebraica aqui denota não tanto a maneira de criação dos seres humanos (ou seja, o “molde” usado na criação), mas o sentido da função do ser humano no mundo. É melhor entender a afirmação de Gêneses 1:26 como significando que os seres humanos foram criados para funcionar como imagem de Deus no mundo. Humanos não são apenas parecidos com Deus, mas são chamados para serem sua imagem no mundo.

Gêneses 1:27 também diz explicitamente: “*macho e fêmea os criou*” – macho e fêmea. Isso também seria um pensamento radical no mundo antigo. No Oriente Médio, essencialmente, se alguém fosse chamado de imagem de Deus, necessariamente seria o rei. Macho e fêmea – ou seja, todo mundo – serem a imagem de Deus, era um desvio radical do pensamento convencional da época. Na verdade, a menção de macho e fêmea leva a ideia além disso - há um senso de interdependência, conexão em termos de

nossa capacidade de refletir a imagem de Deus. Penso que isso fala não só das características distintas de homens e mulheres em si, mas realmente ao aspecto comunal do que significa ser a imagem de Deus. Na concepção bíblica, há um sentido de comunidade de seres humanos refletindo o caráter de Deus, de uma forma que nenhum indivíduo isolado é capaz de fazer.

## Conclusão

Em conclusão é claro que o relato bíblico da criação, por um lado, nos mostra uma consciência de vários modelos e símbolos prevalentes em outros relatos antigos da origem do cosmos. Ao mesmo tempo, Gênesis 1 é único. Reconfigurando esses modelos e símbolos, colocando-os juntos de outras formas, enfatizando alguns pontos e tornando outros menos importantes, o autor dessa história foi capaz de fazer uma afirmação teológica poderosa a respeito das origens. No meu ponto de vista, hoje, só fui capaz de articular de forma muito geral a interpretação de Gênesis 1 que imagino fazer justiça seu contexto no Oriente Médio. Entretanto, também espero que tenha sido capaz de ilustrar um princípio de interpretação mais amplo, que a contextualização histórica e cultural não necessariamente implica a adoção de ideias convencionais. De tempos em tempos, teólogos e acadêmicos bíblicos falam da Bíblia como “tomando emprestado” temas e modelos da literatura do Oriente Médio. Enquanto há situações em que essa descrição é adequada, acredito que usar “emprestar” como entendimento padrão dessa relação dinâmica não faz justiça a criatividade e genialidade dos escritores bíblicos. O que encontramos na bíblia em geral e em Gênesis 1 em particular é, literalmente, uma sofisticação de mais alta ordem, evidenciada por vezes na re-formatação de ideias culturais mais antigas para propósitos unicamente teológicos, e como cristãos faríamos bem em nos atentar para esse aspecto do texto bíblico em nossa busca para discernir sua mensagem.

**Fonte:** [www.biologos.org/uploads/projects/lam\\_scholarly\\_essay.pdf](http://www.biologos.org/uploads/projects/lam_scholarly_essay.pdf)